

FORMAÇÃO DE EDUCADORES E EDUCAÇÃO DO CAMPO: Um Olhar Sobre as Escolas Estaduais do Campo no Município de São Francisco de Assis/RS

Ana Margarida Piani Ferreira¹
Ivanio Folmer²
Angelita Zimmermann³

Resumo

O presente estudo possui a intenção de discutir acerca da formação continuada dos educadores nas Escolas Estaduais do campo de São Francisco de Assis, entendendo como acontece a organização do trabalho pedagógico destas Escolas como um todo. O objetivo principal foi conhecer os espaços onde as escolas estão inseridas, bem como reconhecer as principais problemáticas encontradas por parte dos educadores em relação aos alunos do campo. Metodologicamente, foi necessário, na primeira parte reconhecer as teorias, analisando as bibliografias existentes sobre esta temática. Em seguida, na segunda parte, tratamos de conhecer o contexto da realidade apresentada quanto aos aspectos físicos e sociais das escolas pesquisadas. Este artigo é fruto da pesquisa de um projeto de Mestrado em Geografia, em andamento desde 2016, na qual, nesta discussão reafirmamos a necessidade de uma formação continuada que venha contemplar as temáticas que realmente agreguem protagonismo aos atores/autores principais que são os alunos/educadores, para isso os educadores através de encontros reflexivos com outros profissionais, tendo a escola como espaço-tempo, promovendo a dialogicidade, estarão concretizando e entendendo o real serviço do Projeto Político Pedagógico próprio da Educação do Campo.

Palavras-chave: Formação de professores, Educação do Campo, Espaço Rural.

Introdução:

O tema desta pesquisa surge quando se questiona a precariedade existente por parte dos educadores no processo de inserção e aceitação quanto à valorização das histórias de vida trazidas pelos alunos, e como isso influencia na dimensão pessoal e coletiva na configuração da prática docente nas escolas estaduais do campo do município de São Francisco de Assis. Esta pesquisa parte do questionamento, apresentada por Arroyo, no livro Dicionário da Educação do Campo (2012. p. 363) que escola, que currículo e que formação dos seus professores darão conta dessa escola articulada aos processos produtivos, de trabalho, de lutas do campo? Assim, nosso trabalho instiga a questão: Como formamos os educadores para trabalhar com essa realidade?

¹ E.E.E.F.Laerte Jobim – margaridapiani@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; ivaniofolmer@yahoo.com.br

³ Universidade Federal de Santa Maria – UFSM angelitazd@gmail.com

As escolas do campo, como se sabe, estão localizadas nos espaços rurais do município, desta forma cabe salientar que o espaço rural é visualizado como lugar de atraso, pois o mesmo carrega traços de abandono justamente por não haver muitas políticas de desenvolvimento nesta área. A Escola é referência de construção, mas que com o tempo foi sendo ocupada por educadores que não estiveram/estão engajados com as questões de valorização do espaço⁴ onde os alunos estão inseridos. Desconectados da realidade, das necessidades, dos valores e dos princípios que norteiam a educação do campo, as ações dos educadores tornam-se isoladas podendo também tomar rumos diferentes às propostas educacionais para as quais foi direcionada sua formação continuada. Arroyo afirma que:

uma formação privilegia a visão urbana, vê os povos-escolas do campo como uma espécie em extinção, e privilegia transportar para as escolas do campo educadores da cidade sem vínculos com a cultura e os saberes do campo. As consequências mais graves são a instabilidade desse corpo de educadores urbanos que vão às escolas do campo, e a não conformação de um corpo de profissionais identificados e formados para a garantia do direito à educação básica dos povos do campo. (ARROYO, 2012, p.359)

Existe uma preocupação com a formação dos professores que vão para as escolas do campo, mas nem sempre nas capacitações é enfocada a temática referente ao meio rural.

Para o levantamento dos dados aqui expostos, foi necessário fazer uma investigação a campo observando os sujeitos que fazem parte da Escola. Neste momento foram ouvidos gestores, educadores, alunos e funcionários. Os educadores que desenvolvem suas atividades no campo precisam conhecer a realidade, aspectos que estão em discussão no cenário nacional e que são próprios de quem vivem no campo. Neste sentido Freire (2007, p.85) enfatiza: “Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”.

Os cursos e formação continuada têm baixa atração para os educadores das redes públicas estaduais, principalmente os do campo, apontando que precisa haver preocupação própria em direção a temáticas características a esta realidade.

⁴Algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p. 46).

É fundamental o entrosamento com os gestores e coordenadores para se desenvolver posturas e práticas que oportunizem as comunidades rurais apropriação e ressignificação da educação apresentada a sua clientela, tendo em vista seus objetivos locais na construção da identidade de sua formação e projetos pedagógicos escolares. Mesmo assim o ensino é baseado nas condições de uma educação desenvolvida com alunos da cidade, imprimindo nos educandos, aparentemente, um pensamento de que, no ambiente em que vivem não há atrativos.

Outro aspecto a ser considerado é que o discurso teórico, necessário à reflexão crítica sobre a prática, capaz de modificá-la deve ser de tal forma concreto que se confunda com a própria prática docente. De acordo com Freire (2003, p.78), o educador precisa, em primeiro lugar gostar do que faz e dos educandos, desenvolver um trabalho coletivo, e socialmente contextualizado; basear-se num compromisso de refazer o mundo e mergulhar numa sensibilidade para o pluralismo cultural, respeitando e valorizando cada aluno e suas peculiaridades.

Localização da área Estudada

O município de São Francisco de Assis está situado a 450km da capital gaúcha, a principal fonte de renda vem da agricultura e pecuária, atividades principais de onde se encontram as três escolas estaduais em estudo.



Fonte: Google

São Francisco de Assis localiza-se a uma latitude 29°33'01" sul e a uma longitude 55°07'52" oeste, estando a uma altitude de 151 metros. Sua população estimada em 2010 era de 19.258 assisenses, (menos de 1300 moradores que em 2004, quando havia 20.645 habitantes). Possui uma área de 2.503,9 km². Sabendo desta extensão, pensa-se que o espaço rural ganha destaque no município.

Conforme escrito, este projeto em andamento, observando os saberes trazidos pelos alunos/educadores, inicialmente configurou-se como uma pesquisa diagnóstica, tendo um período de trabalho de campo no ano de 2016. Recentemente, na primeira quinzena de setembro, participamos de um Curso de Formação Continuada sobre Educação do Campo, promovido pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, envolvendo os educadores de duas das três escolas estaduais rurais de São Francisco de Assis.

Referências Norteadoras

Apresentamos como base teórica o pensamento de Roseli Salette Caldart, que em seu artigo Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção, discute e clareia o termo Educação DO/NO Campo:

No: O povo tem direito a ser educado no lugar onde vive;
Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais (Caldart, 2002, p 18).

Entende-se deste modo que, uma educação do campo é quando a mesma é pensada e aplicada a partir da realidade do aluno no ambiente onde ele mora, e a educação no campo é aquela escola que é levada para o campo, pensada na realidade voltada ao capitalismo, principalmente urbano.

Inúmeros autores, como Leite (1999) e Calazans (1993), apontaram que a educação rural no Brasil, pelo menos, até a década de 1990, quando a mesma incorporava uma categoria, já estava atrelada a um modelo de política econômica comprometido com as elites e ligada às oligarquias rurais. Percebe-se a Educação do Campo sendo constituída em um espaço de lutas dos movimentos sociais e sindicais do espaço rural, em outras palavras é traduzida pelo (MEC,2002), como uma

concepção político pedagógica, voltada para dinamizar a ligação dos seres humanos com a produção das condições de existência social, na relação com a terra e o meio ambiente, incorporando os povos e o espaço da floresta, da

pecuária, das minas, da agricultura, os pescadores, caçaras, ribeirinhos, quilombolas, indígenas e extrativistas (CNE/MEC, 2002).

Neste sentido, é previsto na atual LDB a desvinculação da escola rural dos meios escolares urbanos, o que faz uma exigência ao planejamento interligado à vida no campo. No que tange os termos educacionais, o ensino fundamental sob responsabilidade do município, a princípio a escola do campo contará com um calendário próprio e

deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta lei de modo a favorecer a escolaridade rural com base na sazonalidade do plantio/colheita e outras dimensões sócio-culturais do campo. (Brasil/MEC, LDB 9.394/196, art. 23, §2º)

Esses elementos foram elencados para que justamente houvesse a interação do aluno com o campo, desta forma é visto que a cultura deste espaço é mantida e preservada ao longo do tempo. É imenso o debate que se tem em torno da Educação do Campo, e a mesma vem ganhando espaço para discussão em várias dimensões do legislativo, impulsionado pelos grupos sociais dos trabalhadores rurais. Infelizmente muitas vezes há distorções ao colocar o camponês e o rural como sinônimo, concordando com Souza (2008)

a concepção de educação do campo valoriza os conhecimentos da prática social dos camponeses e enfatiza o campo como lugar de trabalho, moradia, lazer, sociabilidade, identidade, enfim, como lugar da construção de novas possibilidades de reprodução social e de desenvolvimento sustentável. (SOUZA, 2008, p.11)

Para que se alcancem as vantagens de ter uma educação do campo com qualidade é necessário que o Estado contribua com iniciativas de oferta de educação pública, bem como formação para os professores e estrutura para que a escola se articule da melhor forma para colaborar com a formação pessoal e profissional de seus educadores e alunos. Neste sentido a fala enfatiza:

as principais questões que devem ser alteradas na escola do campo, para que possa atuar de acordo com os princípios da Educação do Campo. Antes de mais nada, é preciso compreender que não se pode pensar em transformação da escola sem pensar na questão da transformação das finalidades educativas e na revisão do projeto de formação do ser humano que fundamenta estas finalidades. Qualquer prática educativa se fundamenta numa concepção de ser humano, numa visão de mundo e num modo de pensar os processos de humanização e formação do ser humano (CALDART, 2010, p. 329).

Assim, reafirmamos que a escola deve estar conectada com a formação para além do conteúdo, é preciso estar formando continuamente para humanização, para que sejam superadas as dicotomias encontradas nos espaços escolares.

Os Educadores do Campo

Na cultura docente, partilhar experiências pedagógicas, geralmente, ocorre no isolamento das salas de aula e lá permanecem intocadas. Por manterem incomunicadas suas experiências, os educadores acabam assumindo que os problemas profissionais que vivenciam são exclusivamente seus e não estão relacionados com os dos outros educadores, com a estrutura das escolas e dos sistemas educativos. A ruptura desse sistema, vem possibilitar uma interação e troca entre os atores/protagonistas fazendo a educação ser mais prazerosa.

A literatura sobre a formação continuada de professores tem destacado a presença de resistências aos processos de mudanças. Como afirma Nóvoa (1991) “é verdade que os profissionais do ensino são por vezes muito rígidos, manifestando grande dificuldade em abandonar certas práticas, nomeadamente as que foram empregues com sucesso em momentos difíceis da sua vida profissional”.

Assim, a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos nossa profissão, a compreensão da mudança na prática dos educadores passa, portanto, pela combinação da forma como cada um molda sua identidade profissional, concebida enquanto um espaço de elaboração de maneiras de ser e permanecer na profissão.

Por fim, pelo discurso dos educadores, o revigorar das forças daqueles que assumem o projeto e buscam o reconhecimento e legitimação da escola rural é fundamental, sabendo que os mesmos enfrentam a redução das turmas, a deficiência dos transportes escolares, a precariedade das estradas, os altos índices de êxodo rural e o descaso como a educação é tratada pelos governantes, fazem com que os educadores/educadores sintam-se apáticos e desmobilizados. Também é necessário o reconhecimento das peculiaridades da realidade do campo, por meio ao respeito às diversidades que envolvem as pessoas que lá vivem, sem transferir para o campo o modelo aplicado nas cidades, ignorando as especificidades do contexto rural. Assim, como anuncia Molina e Sá, no Dicionário da Educação do Campo (2012, p.329) “Outro aspecto central a ser transformado na escola do campo é o fato de seus

processos de ensino e aprendizagem não se desenvolverem apartados da realidade de seus educandos.”

A Dinâmica Espacial do Espaço vivido pelos Educadores e pelos Alunos

Valorizar o conhecimento empírico e o cotidiano é uma responsabilidade da escola, isso faz com que se promova uma aprendizagem diferenciada das demais formas de se fazer aulas. A escola deve se articular então, para que se possa fazer a conexão entre as disciplinas planejadas no Projeto Político Pedagógico (PPP) e o mundo vivido por esses alunos. O cotidiano do aluno deve promover a pedagogia, onde o mesmo traz para a escola seus saberes prévios, e o professor deve articular as atividades educadoras conectando-as com as experiências dos educandos, assim haverá um melhor entendimento e maior reflexão sobre a realidade vivida por eles, com isso tem-se uma dedicação às especificidades necessárias para que se concretize a valorização do meio vivido.

Usar o cotidiano do aluno para trabalhar as disciplinas escolares é uma forma de aprendizagem, e traz em seu cunho um avanço político-social totalmente significativo, instrumentando e conectando a escola com o local que a mesma está inserida. A escola é um instrumento de existência do Campesinato, visto que ela como instituição social reflete os valores, anseios e perspectivas da sociedade que detém o poder (SOUZA, 2016, p. 1).

Para tanto o coletivo deve trabalhar junto, como efeito das redes de relações que devem ocorrer dialeticamente, para firmar e avançar o processo da aprendizagem, reforçando a importância do processo de reflexão sobre a prática, no momento em que mobiliza a pessoa do professor a (re)pensar como trabalhar com saberes já existentes. Nesse aspecto Freire diz:

É preciso que o(a) educador(a) saiba que o seu “aqui” e o seu “agora” são quase sempre o “lá” do educando. Mesmo que o sonho do(a) educador(a) sejam somente tornar o seu “aqui-agora”, o seu saber, acessível ao educando, mas ir além de seu “aqui-agora” com ele ou compreender, feliz, que o educando ultrapasse o seu “aqui”, para que este sonho se realize tem que partir do “aqui” do educando e não do seu. Freire (2008, p.59)

Desse modo a formação continuada contribuirá para o desenvolvimento dos educadores, permitindo seu crescimento pessoal e profissional, já que sua formação é permanente e passa por constantes desafios.

Haddad afirma que “a educação continuada é aquela que se realiza ao longo da vida, continuamente, é inerente ao desenvolvimento da pessoa humana e relaciona-se com a ideia de construção do ser”. (2005, p. 191 e 192). Por tal afirmação, a formação dos professores do campo merece ser estudada de maneira aprofundada, para que se possam esclarecer os questionamentos postos sobre a mesma.

Desenvolvimento

Conforme mencionado, a pesquisa de mestrado em andamento, teve um primeiro contato no trabalho de campo realizado na segunda metade do mês de outubro de 2016, tendo como objetivo principal conhecer os espaços onde as escolas estavam inseridas, bem como reconhecer as principais problemáticas encontradas por parte dos educadores em relação aos alunos do campo.

Previamente essas escolas foram contatadas, com isso foram classificados alguns dos sujeitos que participariam da pesquisa e ajudariam a concretizá-la. Este trabalho de campo se estruturou inicialmente em entrevista com a gestão escolar: Diretores e supervisores; com os educadores, funcionários e com os alunos. Em primeiro momento houve a conversação com os educadores e/ou funcionários que relataram o percurso feito pelos transportes, bem como o papel social da escola diante dos alunos.

Através da narrativa dos educadores, na visitação à Escola, percebe-se que, o educador do campo precisa além de aprimorar-se na sua prática docente, resgatar aspectos que são marcantes na história de vida e escolarização, do espaço onde está localizada a escola e, que são ou não, aplicados com seus alunos. Fica clara, também, a urgência em se desenvolver uma análise sobre a formação do educador do campo, assim como a preparação teórica e prática necessária para que esse profissional atue com segurança e qualidade. A Formação Continuada deve contribuir para desenvolver, no educador, um perfil pesquisador, que não seja um pesquisador obcecado pela cientificidade, mas um educador capaz de refletir a sua própria prática pedagógica, buscando compreender o processo ideal de aprendizagem para cada educando desta modalidade de ensino.

Os educadores devem sentir-se autores do processo educacional para ser efetiva sua atuação no campo. Nesta medida, é válido salientar:

Os educadores encontram-se numa encruzilhada: os tempos são para refazer identidades. A adesão a novos valores pode facilitar a redução das margens de ambigüidade que afectam hoje a profissão docente. E contribuir para que os educadores voltem a sentir-se bem na sua pele. (NÓVOA, 1995, p.27)

Por este viés, as três escolas tem conhecimento do Tema, assim possibilitando um melhor engajamento com o trabalho a ser desenvolvido.

Os espaços investigados foram: Escola Estadual de Ensino Médio Joao Aguiar (Vila Kraemer, 5º distrito), Escola Estadual de Ensino Médio João Octávio Nogueira Leiria (Toroquá, 2º Distrito) e, Escola de Estadual de Ensino Fundamental Roque Gonzales (Picada do Padre, 1º distrito). Estas são as únicas Escolas Estaduais em São Francisco de Assis que resistem ao processo de fechamento das escolas do campo e permanecem em funcionamento.

Resultados

Necessita-se considerarmos dois posicionamentos nesta pesquisa. De um lado os educadores/funcionários/gestores, por outro lado os alunos.

É interessante ressaltar sobre os alunos que, as questões não foram aplicadas de modo individual. Foi uma roda de conversa, onde os pesquisadores levaram o debate até as salas de aula. Este fato ocorreu em todas as turmas das escolas. Desta forma, seguiremos a discussão trazendo de modo seqüencial alguns relatos da análise.

Percebeu-se, nos anos iniciais destas escolas que as turmas são multisseriadas, dentre outros aspectos que levam a este fato, é o pequeno número de alunos neste espaço, ou seja, há uma diminuição de crianças, fortalecendo a ideia do envelhecimento do campo.

Nos anos iniciais, os alunos mostraram-se conectados com o lugar⁵ onde vivem. Sem dúvida todos os alunos afirmaram que o campo é o lugar ideal para viver, e que não sairiam deste. Citaram que ajudam seus pais nas tarefas cotidianas e isso não é feito por obrigação ou necessidade, mas por possuir afinidade e desejarem estar desenvolvendo tais funções. Com isso é possível identificar a relação que estes indivíduos possuem com seus familiares e o espaço rural.

⁵ Lugar significa muitomais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas à tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes, de segurança”.(RELPH 1979 apud LEITE 1998, p.10).

A partir dos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, Conforme faixa etária se distanciava da infância, os alunos transpareciam desinteresse com este lugar. Falavam da precariedade, da falta de opções, das vontades e desejos e da baixa atratividade que o campo lhes oferece.

Pelo que se pôde perceber com a inserção nestas escolas, as professoras e os educadores são urbanos. Todos os dias saem da sede do município, e direcionam-se para as localidades rurais. Chegam e saem das escolas fretando ônibus. Boa parte destes educadores/educadores atuam também em outras instituições (Estaduais e Municipais) no contra turno.

Ainda que os educadores, sujeitos desta pesquisa, tenham demonstrado dedicação no trabalho que realizam por meio da atenção especial e carinho aos educandos, estimulando-os ao exercício da cidadania, há uma necessidade de formação continuada e de trocas de experiências que se baseiam nos teóricos que abordam a questão da educação no campo, ressaltando as necessidades de constante aperfeiçoamento reflexivo nas práticas pedagógicas, colocando em prática, de forma interativa e significativa, o conhecimento adquirido em suas formações. Neste contexto, o papel do educador é o de mediador do processo de aprendizagem, priorizando a bagagem de conhecimentos trazida pelos alunos, e os ajuda, de forma interativa, a transporem esse conhecimento para o “conhecimento letrado”.

Os educadores envolvidos acreditam que para atuar na educação do campo é preciso gostar daquilo que faz, ter dedicação e vontade de atuar com esta especificidade diferenciada, ser criativo, dinâmico, qualificado, buscando sempre capacitação para melhorar sua prática pedagógica utilizando a própria realidade de vida dos educandos para trabalhar os conteúdos a serem ensinados em suas salas de aula; apesar de que na prática, este fato não se observa. Está claramente vinculado ao discurso, do que propriamente uma postura adotada pelo professor e/ou pela escola.

Considerações finais

Dentre os resultados apresentados até o momento, mesmo que seja um olhar inicial sobre a pesquisa, podemos destacar que as falas próprias da Educação do Campo são ainda desconhecidas, comprovando que formação e estudos teóricos precisam ser aprofundados e discutidos para além deste artigo. Sabendo que este estudo fará diferença para todos os

envolvidos nessas comunidades rurais, pois saber as consequências de como a educação está pautada na realidade dos indivíduos, com relevância aos aspectos específicos e condições do lugar, valoriza o espaço vivido do educando, sendo uma maneira de alertar e buscar novas condições de melhorias para a educação do campo.

Esta pesquisa foi acima de tudo uma experiência de vida, da qual extraídas grandes lições; foi possível constatar que os educadores do campo precisam ser marcantes e atuar como referência na vida dos seus educandos: ser um diferencial para os alunos, que, mesmo possuindo experiências vividas, muitos deles não possuem uma visão crítica sobre a realidade na qual estão inseridos, não sendo capazes de reivindicar seus direitos e cumprir seus deveres como cidadãos pertencentes a uma sociedade.

Segundo as posições dos educadores e dos teóricos estudados, relativamente à busca de mudanças nas práticas educativas, conclui-se que o professor é um educador e, não querendo sê-lo, torna-se um deseducador. O aprender e rever a prática são inerentes ao trabalho educativo do professor, porém isto nem sempre é vivenciado no cotidiano das escolas e dos educadores, ainda existem educadores que nas formações são acomodados e indiferentes.

Por conseguinte, Molina e Sá (2012)

explicitam a importância da mudança deste padrão de relacionamento das escolas do campo com a produção do conhecimento, e as contribuições que daí podem advir, para melhorar as possibilidades de resistência dos sujeitos do campo aos processos de desterritorialização que lhes têm sido impostos pelo voraz aumento das estratégias de acumulação de capital desenvolvidas pelo agronegócio. MOLINA E SÁ (2012,p, 330)

Distante de um final conclusivo, esta pesquisa fortalece a ideia da necessidade de formação continuada direcionada as especificidades do Campo. No decorrer do seu desenvolvimento, este estudo deixará marcas significativas na vida pessoal e profissional dos educadores e, principalmente dos pesquisadores, observando-se que o resgate da história de vida é fundamental para valorizar a trajetória dos educadores.

Uma narrativa é um caminho porque tem um antes, um recomeço, uma continuidade possível. É uma experiência porque contém um vivido, uma entrega, requer interpretação, de outros e de si, de quem escreve. Uma narrativa, enfim, que se faz pela escrita de outros e de

nós mesmos, que nos informa e forma. A abertura pode ser a transformação, principalmente se chegarmos mais perto dos alunos do campo, dos educadores e de nossas escolas.

Partindo deste pressuposto reafirmamos a necessidade da formação continuada que venha contemplar as temáticas que realmente agreguem protagonismo aos atores principais que são os alunos, para isso os educadores através de encontros reflexivos com outros profissionais, tendo a escola como espaço-tempo, promovendo a dialogicidade estarão concretizando e entendendo o real serviço do Projeto Político Pedagógico próprio da Educação do Campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel. G; CALDART, R. S; MOLINA, M. C. (organizadores). **Por uma Educação do Campo**. 5. Ed. RJ: Vozes, 2011.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> > Acesso em 09 novembro. 2015

CALDART, R.S. A Educação do campo e a perspectiva de transformação da forma escolar. In: Munarim, A. et al. (org) *Educação do Campo: reflexões e perspectivas*. Florianópolis: Insular, 2010.

CALDART, R. S; PEREIRA, I. B. ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (organizadores). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CALAZANS, Maria Julieta Costa. **Para compreender a educação do Estado no meio rural**. In: DAMASCENO, Maria n. & THERRIEN, Jacques (org.). *Educação e escola no campo*. Campinas, Papirus, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. 36ª Edição

_____. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 15ª Edição.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 47ª Edição.

HADDAD, Sergio. **A educação continuada e as políticas públicas no Brasil**. In: *Educação de Jovens e Adultos - Novos leitores, novas leituras/ Vera Masagão Ribeiro (org.)* Campinas-SP, Mercado de Letras. 2005.

LEITE, A. F. **O Lugar: Duas Acepções Geográficas**. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ, 21, p. 9-20, 1998.

LEITE, S. C. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

NÓVOA, Antônio. **Relação Escola-Sociedade: novas respostas para um velho problema.** In: SERBINO, R. V. et al. **Formação de educadores.** São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1998 – (seminários e debates).

NÓVOA, Antônio (Org.). **Vidas de educadores.** 2ª ed. Coleção Ciências da Educação. Lisboa: Porto, 1995.

MOLINA, M. C. e JESUS, S. M..**Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação no Campo.** BrasíliaDF: articulação Nacional, "Por uma Educação do Campo", 2004.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 4ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SANTOS, M. Território globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

SOUZA, M.A. *Educação do campo: propostas e práticas pedagógicas do MST.* Petrópolis: Vozes, 2006. _Sustentavel.pdf>. Acesso em 21.10.2015.